

*FALAÇÃO EM SALA DE AULA:
A INDISCIPLINA ESCOLAR
EM REFLEXÃO*

UMA INTERPRETAÇÃO
DIALÉTICO-DIALÓGICA DA
LINGUÍSTICA APLICADA

FÁTIMA APARECIDA CEZARIM DOS SANTOS

*FALAÇÃO EM SALA DE AULA:
A INDISCIPLINA ESCOLAR
EM REFLEXÃO*

UMA INTERPRETAÇÃO
DIALÉTICO-DIALÓGICA DA
LINGUÍSTICA APLICADA

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Fátima Aparecida Cezarim dos

Falação em sala de aula : a indisciplina escolar em reflexão : uma interpretação dialético-dialógica da linguística aplicada / Fátima Aparecida Cezarim dos Santos. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014. – (As Faces da Linguística Aplicada)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-327-7

1. Língua e linguagem - Estudo e ensino 2. Linguística aplicada 3. Prática de ensino 4. Professores – Formação profissional 5. Sala de aula - Direção I. Título. II. Série.

14-09966

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação de professores e linguística aplicada : Educação 370.71

SÉRIE AS FACES DA LINGUÍSTICA APLICADA
coordenação

Maria Antonieta Alba Celani PUC-SP
Leila Barbara PUC-SP

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

REITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

SETEMBRO/2014

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Aos professores e alunos
participantes da pesquisa,
por corajosamente **falarem** em defesa de
uma educação pública de qualidade*

AGRADECIMENTOS

À diretoria, ao corpo docente e aos funcionários da escola estadual que mui amorosamente me receberam para a pesquisa. Ao corpo docente do Lael-PUCSP, por suas contribuições em minha formação. Aos meus colegas do mestrado e do Grupo de Pesquisa, em especial Cynthia F. César pela boa parceria. A todos os professores ao longo de minha vida educacional. Aos professores Dr. Vicente Augusto de Aquino Figueiredo, Dra. Sônia Ignácio da Silva, Dra. Vera Lúcia Cabrera Duarte, pelos ensinamentos valiosos. Aos colegas do Grupo de Estudos Foucaultianos, Alessandro, Anderson, Priscila. A minha família, Jairo, Daniel e Mariana, pela força e entusiasmo. À Capes pelo apoio financeiro.

Meus agradecimentos mais que especiais a três pessoas muito importantes em minha caminhada como pesquisadora, cujas presenças tornaram a pesquisa e este livro possíveis. A minha orientadora de mestrado Dra. Maria Antonieta Alba Celani, pela liberdade e amparo. À Dra. Maximina Maria Freire, pelo acolhimento e sugestões. À Dra. Silvana Santos Garcia pelo incentivo e reconhecimento de meu trabalho.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
-----------------------	---

Maria Antonieta Alba Celani

PRÓLOGO

INTRODUÇÃO	11
-------------------------	----

INÍCIO DE UMA JORNADA AOS SUBTERRÂNEOS

DA ESCOLA: SEU DOCE, SEU AMARGO	20
--	----

<i>A reflexão acerca do evento presenciado</i>	37
--	----

<i>Indisciplina? Um pouco de ceticismo saudável</i>	37
---	----

<i>Sociedades disciplinares: Corpos dóceis</i>	41
--	----

<i>A dupla revolução: um novo projeto econômico e social</i>	43
--	----

<i>O Iluminismo: educação restrita para a massa</i>	46
---	----

<i>A educação iluminista e os dispositivos disciplinares</i>	53
--	----

<i>O poder: disciplina e discurso</i>	73
---	----

<i>Na base da indisciplina uma concepção histórica da disciplina</i>	78
--	----

PIREI GERAL!	92
---------------------------	----

CLÍMAX

A INTER-RELAÇÃO DA LINGUAGEM

E A SOCIEDADE	99
----------------------------	----

<i>Linguagem, indivíduo e consciência</i>	100
---	-----

O RETORNO DE ABRIL: A CONCRETUDE

E MATERIALIDADE DA REALIDADE	128
---	-----

INTERLÚDIO

UM OLHAR SÓCIO-HISTÓRICO E

DIALETICAMENTE METODOLÓGICO 137

Falação: posição ativa do sujeito falante 138

A pesquisa sócio-histórica e a Linguística Aplicada 141

O Materialismo-histórico-dialético 144

O pesquisador, o método e a ética 149

Conhecendo o contexto e os participantes 154

Cuidados com os enunciados 173

NO SILÊNCIO DE MEU QUARTO: NOTAS

DE REFLEXÕES DE TEÓRICAS 176

DESENLAÇE

COMPREENDENDO SENTIDOS E

SIGNIFICADOS DOS PROTAGONISTAS 183

Na perspectiva dos professores 183

Manifestação aparente 184

Sentidos e razões aparentes: um significado emocional 186

Na perspectiva dos alunos 224

Manifestação Aparente 225

Sentidos e razões aparentes 226

Manifestação da essência: o encontro das vozes de professores e alunos 266

A inscrição da experiência na subjetividade de alunos e professores 322

EPÍLOGO

NOVAS DÚVIDAS, NOVAS CIÊNCIAS 329

O ÚLTIMO DIA! 332

POSFÁCIO

BREVE RECOMENDAÇÃO PARA (BEM)

LER FALAÇÃO EM SALA DE AULA:

A INDISCIPLINA ESCOLAR EM REFLEXÃO 337

Silvana Santos García

REFERÊNCIAS 341

PREFÁCIO

Não é apenas por ter a palavra *Linguística Aplicada* no título que este livro, resultado de uma dissertação de Mestrado, passa a integrar a Coleção *Faces da Linguística Aplicada*. De fato, por utilizar uma possibilidade muito ao gosto da *Linguística Aplicada*, isto é, a possibilidade de “transgredir”, adquiriu um caráter, para alguns, não-acadêmico, por mesclar dois gêneros aparentemente não mescláveis: a dissertação de Mestrado e o conto com envolvimento pessoal. Mas, é exatamente esse aspecto que lhe dá um sabor especial, tornando sua autora mais participante e viva, ao invés de ser mera expectadora-analista de um fenômeno. E, o que é mais importante, isso é feito sem prejudicar por um momento si quer o nível da pesquisa que se espera em um Mestrado ou em um Doutorado: vasta e rica fundamentação teórica, que bem demonstra a amplitude de leituras prévias, capacidade de estabelecer relações teóricas, pertinência na análise e envolvimento pessoal na pesquisa, que, neste caso, o conto propicia.

Muitos, professores principalmente, serão atraídos pela palavra *INDISCIPLINA ESCOLAR*, no título. É este, atualmente, um dos maiores problemas com que os professores se defrontam. Aqui, no entanto, encontrarão um novo entendimento do que é denominado *FALAÇÃO*, uma nova compreensão dos questionamentos sócio-político-econômicos que levará a uma nova compreensão do que para muitos é pura e simplesmente *INDISCIPLINA*.

A falação, apresentada como a realização de múltiplos fenômenos, é apenas a “ponta do iceberg” que, de fato, representa uma crítica situação social.

O livro poderá ser útil a professores em formação; inicial – para prevenir, contínua – para melhor entender um dos maiores problemas que aflige os professores de hoje, fazendo com que “fatos invisíveis” lhes possam ser revelados.

M. A. A. Celani

PRÓLOGO

INTRODUÇÃO

O surgimento da ciência moderna por volta do Renascimento, no século XVI, trouxe a concepção de um indivíduo livre e racional, sujeito de si e do conhecimento. No século XVIII, o Iluminismo traria a ideia de verdade universal baseando-se na razão, libertando a humanidade da religião e do obscurantismo da Idade Média. O desenvolvimento da racionalidade acontece a partir de Bacon, com a concepção moderna de ciência pautada em um conhecimento sistemático, fundamentado na observação e na experiência. O sujeito torna-se cognoscente e não se confunde com o objeto de conhecimento. O sujeito que se separa radicalmente do objeto é a marca da ciência moderna.

Com Descartes, a razão é vista como uma habilidade a ser aprendida, com o pensar estruturado num método. A observação correta dos fenômenos possibilitaria distinguir entre o falso e o verdadeiro, descobrindo-se a verdade pela linguagem matemática. Com isso, instaura-se a ideia de neutralidade da ciência – o cientista descobre algo que existe independente de sua subjetividade. A ciência cartesiana pauta-se em um método científico que produz a verdade independente do objeto. As ciências sociais e humanas, no século XIX, seguiram esse método para as investigações dos fenômenos relativos aos comportamentos humanos e desenvolvimento social. Esse paradigma de conhecimento – objetividade, ideias expressas, através das leis universais, tornou-se hegemônico até o início do século XX para as práticas científicas.

As afirmações acima, trazidas por Vaitsman (1995, pp. 1-2), encontram-se com as palavras de Moita Lopes *et al.* (2006), quando de suas afirmações acerca da delimitação da Linguística Aplicada Contemporânea, mais pontualmente a respeito das mudanças na maneira de se enxergar o mundo, as ciências e, principalmente, o indivíduo. A preocupação dos autores repousa sobre outros modos de fazer teoria e Linguística Aplicada (doravante, LA), uma vez que a pesquisa aplicada é centrada no contexto aplicado “onde pessoas vivem e agem” (Moita Lopes 2006a, p. 21). Ao lermos textos tanto em Ciências Sociais, quanto em outras áreas, como na própria LA, notamos o impacto que o desenvolvimento tecnológico provocou no modo de viver e pensar das sociedades, mais marcadamente, no último quartel do século XX, com a globalização da economia e da cultura, e as transformações decorrentes nos âmbitos sociais, econômicos, políticos, culturais e científicos. Esse tempo é chamado de pós-moderno, modernidade tardia, recente ou reflexiva (Moita Lopes 2006a, p. 22).

Mas, o que esses dois momentos – modernidade e pós-modernidade – têm a ver com a Linguística Aplicada? A resposta seria a visão de homem e o estatuto da linguagem nas sociedades contemporâneas. Se, na modernidade, teorias surgiram apoiadas em uma ciência social objetiva, que adotavam o método das ciências naturais, o qual gerou regras por filosofias universalistas e discursos totalizantes; no pós-moderno, esses saberes perderam sua legitimidade (Vaitsman 1995). Ainda segundo a autora, o universalismo inaugurou a modernidade, mas o discurso pós-moderno levantou críticas às ideias que o pensamento moderno encobre, argumentando que a unidade e o universalismo da razão acabaram restringindo-se à racionalidade dos grupos sociais ocidentais dominantes – a dominação de uma razão branca, masculina, burguesa e ocidental. Em contrapartida, os movimentos locais de identidades raciais, étnicas, sexuais, locais fizeram eclodir os discursos universalizantes.

Assim, no século XX, apresenta-se uma nova forma de representar a relação entre sujeito e objeto. Surge um novo paradigma que integra a imagem do objeto da ciência com a valorização da autonomia, da subjetividade. Nos tempos pós-modernos, o sujeito universal é rejeitado, valorizando-se as experiências particulares de grupos de indivíduos. Quer dizer, reconhece-se a heterogeneidade, a pluralidade em oposição à ideia de universal. No campo das ciências, o sujeito e o objeto não mais estão separados, mas existem numa relação instável e em mudança (Vaitsman 1995, p. 3).

Em consequência do aspecto hegemônico imposto pela globalização às sociedades humanas, muitas vezes, perversa, (Moita Lopes 2006b, p. 87), o indivíduo dos tempos pós-modernos é o sujeito inscrito em sua história e em seu meio social, quer dizer, identidades múltiplas, conflitantes, negociadas e em desenvolvimento, apartando-se das identidades estáticas, unitárias e distintas (Canagarajah 2004, p. 117, *apud* Pennycook 2006, p. 78). Reforço isso com Kumaravadivelu (2006, p. 139), quando o autor coloca que a filosofia pós-modernista procura desconstruir discursos e contradiscursos ao indagar a respeito dos limites da ideologia, do poder, do conhecimento, da classe, da razão, da raça e do gênero, celebrando-se, pois, a diferença. Assim, o sujeito das ciências sociais contemporâneas é o sujeito social, heterogêneo e incompleto.

Considerando que a LA preocupa-se com o social e o humano (Celani 1998[2004, p. 133]), como também “considera a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem na constituição da vida social e pessoal” (Moita Lopes 2006a, p. 22), posso concluir que esse sujeito social das ciências sociais é também o sujeito da Linguística Aplicada Contemporânea (doravante, LAC).

Nos últimos vinte anos, as Ciências Sociais e Humanidades vinham fazendo diferentes perguntas sobre a linguagem como fenômeno social e questionavam suas premissas a respeito do modo de conhecer a linguagem dentro da Linguística. Foi preciso redefinir a compreensão do ser humano, tomando emprestados construtos da filosofia; da retórica; da crítica literária; da semiótica bakhtiniana e do pós-estruturalismo foucaultiano (Canagarajah 2004, p. 117, *apud* Pennycook 2006, p. 78). Desse modo, verifica-se fortemente a compreensão do papel do discurso na constituição do sujeito como múltiplo e conflitante, ou seja, a linguagem além dos restritos estudos linguísticos e sua aplicabilidade.

Como se pode notar, em tempos atuais, não se pode falar nem de indivíduos, nem de história, nem de cultura sem falarmos de linguagem. Todos estão fortemente imbricados. Com isso, estamos falando de Linguística Aplicada Contemporânea, uma vez que ela se preocupa com a linguagem em uso no social.

Procurei mostrar que, nos estudos das questões dos diversos âmbitos das sociedades atuais, o papel da linguagem é central (Moita Lopes 2006a, p. 14). Estão subjacentes ao estudo da linguagem aspectos como o mundo globalizado se organiza; como as subjetividades se constroem, através da veiculação dos discursos proferidos por indivíduos heterogêneos.

Com base nas asserções apresentadas até aqui, passo a apresentar o estudo a ser tratado nesse livro que é sobre o desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado que buscou compreender no interior de um espaço social e de interação – a escola – a constituição de um conjunto de conversas em voz alta, nomeadas como *falação*, que identifico como sendo um ato de enunciação, proferido em sala de aula por meio de um jogo de vozes na relação professor-aluno. Para tanto, preocupei-me em marcar as vozes dos atores para melhor compreender essa experiência que nasce de suas próprias práticas de vidas, em um contexto social datado e localizado. Desta feita, o fenômeno socioeducacional em análise será a *falação*, assim considerado, uma vez que é através das formações discursivas que as pessoas se formam, desenvolvem, revelam e desvelam suas ideologias. Nesse sentido, estou atuando no estudo da linguagem que o ser humano usa, contextualizado em sua realidade sociopolítico, cultural e historicamente datada. Entendo que pelas preliminares expostas, isso a qualifica como um trabalho em LAC, considerando-se que para Moita Lopes (2006a, p. 17), a Linguística Aplicada está situada no campo das humanidades e das ciências sociais.

A pesquisa se apoia em diferentes edifícios teóricos, por que o objeto em investigação assim o exigiu, colocando-o no âmbito da transdisciplinaridade da LA, já que “somente a teoria linguística e a LA não são suficientes para dar conta da complexidade dos fatos envolvidos com a linguagem em sala de aula” (Moita Lopes 2006a, p. 19).

Como Pennycook (2001, 2006) advoga em suas obras, um trabalho em LA deve ser feito pelo olhar crítico e reflexivo. Já Kumaravadivelu (2006, pp. 137-138) indica o erro em excluir da LA a pedagogia crítica que “procura relacionar a palavra com o mundo; a linguagem com a vida”, chamando a atenção para o modo como o poder, o domínio e a desigualdade são reproduzidos e contraditados no uso da linguagem. Esta prerrogativa crítica permeia o presente trabalho. Em virtude de ser a *falação* (enunciados) o objeto de estudo, entendo-a como inscrita na constituição do sujeito múltiplo e conflitante, ao invés de ver esse sujeito como uma identidade pré-dada refletida na linguagem, porque, segundo as abordagens pós-modernas, as pessoas são o que são por causa do modo como falam (Pennycook 2006, pp. 78; 81).

Ao estudar os enunciados dos agentes do espaço escolar, nota-se que, evidentemente, está imbricado neles as ideologias pertencentes a um grupo

social, num dado momento histórico, conforme assevera a teoria bakhtiniana. Uma análise crítica do discurso em sala de aula implica atravessar as fronteiras desse espaço, caminhando para as estruturas sócio-político-históricas mais amplas e não escapando da ideologia. Esse é outro aspecto que leva meu trabalho para transdisciplinaridade, como também, o identifica com as propostas de a LAC que têm o potencial de nos conduzir a uma consciência crítica de como o uso da linguagem é moldado e como ela pode funcionar como um transportador de ideologias que serve a interesses claros, conforme afirmado por Kumaravadevelu (2006, pp. 142-143).

Isto posto, caracterizo meu trabalho inserido em uma LAC no sentido crítico-ideológico, que traz “as vozes do sul” (Moita Lopes 2006b, p. 103); abarcando o pensamento de Foucault, dialogando com teorias das humanidades, concretizando, assim, a transdisciplinaridade; e adotando uma relação recíproca entre a prática e a teoria (Moita Lopes 2006a, p. 35).

Além disso, não podemos nos esquecer de que o professor atual faz parte de um cenário inserido em um contexto muito diferente daqueles de décadas atrás. O desenvolvimento no campo econômico, com suas novas tecnologias, obriga o professor a enfrentar uma situação educacional localizada numa sociedade que se transforma em alta velocidade; permeada por discursos que trazem enunciados que interessam para o momento atual. Na sala de aula, conhecimento e discurso são produzidos por subjetividades que se inter-relacionam – aluno e professor. Logo, o espaço de sala de aula relacionado a uma dada época educacional são elementos importantes para a prática docente e discente. Por essa razão, devemos ter um olhar crítico para os fatores que envolvem essas práticas.

Com base nas considerações expostas, minha pesquisa buscou compreender as determinações que permitiram a constituição e o surgimento do fenômeno socioeducacional denominado *falação*, pelas vozes de alunos e professores, na produção de seus sentidos e significados marcados em seus enunciados. Esses participantes são indivíduos alocados em um contexto sócio-histórico-cultural, localizados num país sul-americano, num mundo globalizado, num período dito pós-moderno. Como afirma Rojo (2006, pp. 258-259), a investigação de problemas discursivos em sala de aula pode contribuir para a construção dos conhecimentos, das vozes, e do dialogismo, ao focar problemas de conflitos comunicativos e interpretá-los para um fluxo discursivo mais livre e para a compreensão da vida social.

Faço uso das palavras de Bronckart *et al.* (1996, p. 68), para explicar minha posição monista e histórica de fazer pesquisa e de considerar seriamente o papel das questões sociais e da linguagem na constituição do ser humano.

Para que o leitor possa melhor compreender, detalho a trajetória em que o estudo se desenvolveu, além de informar sua construção teórico-metodológica.

Esta pesquisa nasceu de uma experiência viva do fenômeno em seu lugar natural de acontecimento. Quando de minha ida a uma escola em um dos municípios da Grande São Paulo, eu tinha em mente uma proposta de projeto que buscava compreender o papel do professor na formação das subjetividades em sala de aula. Qual não foi minha surpresa ao chegar ao campo da vida – a escola – e me defrontar com uma realidade que fugia totalmente às minhas pretensões iniciais. Realidade, esta, que acabava por derrubar meu projeto inicial: não seria possível investigar a influência dos enunciados ideológicos do professor na subjetividade dos alunos. O que faria agora? Aquilo que buscava não estava ali! Foi nesse momento que pude ver a importância da mão de minha orientadora. A pedido dela repensei a questão; recompus-me do susto, uma vez que aquela experiência era totalmente nova para mim e me desafiava em todos os sentidos. Acabo por dar um novo foco em meu projeto de pesquisa que passa a tratar de um tema, creio eu, de maior importância para o meio em que se encontra. Ele saltou-me aos olhos, ouvidos e coração.

Eu tinha diante de mim um agir tido como muito comum nas escolas tanto públicas quanto privadas. Bastou conversar com alguns amigos professores ou colegas que exercem a docência nas redes, para verificar que isso era “absolutamente normal nas escolas”, conforme declaração de uma de minhas colegas.

Como sabemos através da teoria vigotskiana, a linguagem é um instrumento mediador tanto na comunicação quanto para a organização cognitiva do ser humano. Contudo, vamos para além disso: nomeamos coisas e pessoas. A partir da nomeação, o elemento ou o evento passa a existir. Esse é um dos encantos, ou um dos perigos, de sermos produtores da linguagem. Ao falar com meus pares sobre o fenômeno que me provocara, logo pude ver que já estava nomeado – indisciplina.

Todavia, no meu repensar, apoiado por minhas leituras em Bakhtin e Foucault e pela mão de minha orientadora, desafiei-me a investigar esse fenômeno sob outro prisma. Por que não procurar compreender o que aquela

‘bagunça’, ‘indisciplina’, ‘conversas em voz alta’, ‘gritaria’ poderia ser sob outro viés, partindo dos próprios envolvidos em tal experiência? Dessa forma, eu procurava marcar as vozes deles, para que dissessem o que essa ‘falação’ significava para eles próprios.

Estando presente em sala de aula, pude verificar que essas conversas não eram restritas aos alunos. Tinham um efeito: elas chegavam até os professores, tocando-os, provocavam um diálogo. Nem sempre harmonioso, nem sempre agressivo. Com isso, pude ver o que Bakhtin nos diz da constituição das consciências na dialogicidade; na interação com a sua alteridade. Mas, para muito mais que isso, pude me aperceber da heteroglossia bakhtiniana em sala de aula – as múltiplas vozes presentes no espaço social e institucional da educação. Nesse encontro de vozes, os diálogos se revelaram de diferentes matizes – diferentes enunciados com diferentes orientações ideológicas, ou seja, enunciados que nascem de diferentes pontos de vista, porque se originam nas diferentes posições sociais de seus atores. Entretanto, onde há vozes, há embates. Onde há combate, há jogo de poder: um jogo de poder das vozes em sala de aula.

A cada dia que passava esse agir em sala de aula me deixava cada vez mais intrigada. Era preciso compreendê-lo. Uma das características da pesquisa é a de provocar inquietações no pesquisador. Logo, algo me provocou a perguntar: se o indivíduo, numa perspectiva dialético-dialógica, se constitui através de suas atividades sociais, tendo como mediador a linguagem com a imbricação de seus fatores ideológicos, o que acontece com a subjetividade de professores e alunos ao experienciar tal fenômeno? Dessa forma, não fui eu quem tomou a *falação*, mas sim, foi a *falação* que me conquistou. A partir de um provocante questionamento – o que é isso; de onde veio; quais suas consequências, afinal? – passei a vasculhá-la; decifrá-la, para compreendê-la.

Este trabalho se divide em três grandes momentos. O primeiro momento é o da reflexão. Uma reflexão que se exigiu, para não cair na armadilha ideológica e política de nomear o outro e suas ações a partir da leitura do espectador. Para isso, tive o apoio do pensamento do filósofo Michel Foucault (1975[2007], 1976[2005], 1994[2006]) para o estudo da formação das sociedades disciplinares no ocidente, com aportes de fontes históricas, relacionando-o com a questão da indisciplina escolar (Aquino 1996, 1998a, 1998b; Guirado 1996).

O segundo momento já indica um encaminhamento da questão no âmbito da linguagem. Não a linguagem isolada e abstrata, mas a inter-relação da linguagem e a sociedade humana. São as obras de Vigotski (1926[2004], 1930[2003], 1934[2003], 2001), para a inter-relação linguagem, sociedade, indivíduo; e as de Bakhtin (1924[1998], 1929[2004], 1952[2003]), para a concepção de linguagem, que servem de referencial teórico. Momento este em que os pensamentos dos dois teóricos se articulam. É nessa discussão que a linguagem mostra o seu papel na construção da semântica da existência do humano.

Cabe salientar que os arcabouços dos diferentes teóricos presentes neste trabalho mantêm uma dialogicidade entre seus enunciados teóricos e filosóficos. Dessa feita, exigiu-se uma metodologia que se coadunasse com essa construção. Para tanto, é na pesquisa qualitativa de enfoque sócio-histórico (Freitas 2002), orientando-me metodologicamente pela Dialética Histórica (Marx 1847[2007], 1852[1982a], 1859[2003], 1867[1983]; Marx e Engels 1852[2007]; Triviños 1987), que encontrei a condição para fazer um movimento entre os diferentes conceitos teóricos e os objetivos deste trabalho.

O terceiro momento é o espaço que se abre para a compreensão da *falação* em sala de aula, em que uma análise interpretativa dos dados se materializa alicerçada pela reflexão e pelas teorias. Como esta pesquisa fala do lugar da LAC, portanto, se ocupa da linguagem no ser social, não poderia deixar de lado, neste capítulo, a questão da subjetividade. Para tanto, encontrei em Lane (1984[2004a, b]); e em Gonzáles Rey (1997) os construtos necessários para discutir a subjetividade e para analisar a inscrição da experiência do fenômeno em investigação nas subjetividades daqueles que vivenciam a *falação*, seus protagonistas: professores e alunos.

Assim sendo, espero que este trabalho possa trazer um novo entendimento à *falação* em sala aula, tida como uma das questões mais problemáticas para a prática docente na atualidade; possibilite outra compreensão das questões sócio-político-econômicas subjacentes no mundo contemporâneo, em que adolescentes, aqui em especial, e professores estão circunscritos.

Mantenho a expectativa de que as conclusões geradas sejam levadas aos cursos de formação de professores para uma reflexão acerca da *falação* sob outro viés de compreensão; em que novos posicionamentos possam ser tomados no que tange ao fenômeno tratado, trazendo à baila as interpretações daqueles que vivem a experiência para um fenômeno já classificado, e, assim,

a possibilidade de se vislumbrar um novo entendimento desse agir; e que possa vir a revelar fatos ainda *invisíveis* aos olhos dos estudiosos e dos atores da educação brasileira. Como também, a reafirmação do *status* da linguagem não só como organizadora social, mas como constituidora de subjetividades num mundo pós-moderno e como sendo o lugar de partida para investigações sociais.

Resta ainda dizer que, em meu entendimento, a escola é uma das instituições mais importantes para a sociedade brasileira, uma vez que se torna um espaço de relações humanas, políticas, sociais. É onde saberes, discursos ideológicos são produzidos e divulgados. Portanto, nela se formam subjetividades que irão atuar na sociedade. Preocupa-me, em especial, a escola pública por ser o grande lugar em que a maior parte da população brasileira aspira por uma possibilidade de vida. É ela que pode e deve oportunizar a promoção social e humana, por intermédio de conhecimentos criticamente apropriados pelos alunos. Nisso, ela não pode falhar, querendo ou não. Afinal, a educação pública é um direito social do ser humano.

Foram com essas inquietações e metas que me lancei nesta pesquisa. Contudo, não bastou lançar mão do gênero acadêmico com sua sisuda linguagem. Para expor as emoções e as razões que me acompanharam ao longo da compreensão do fenômeno *falação*, fiz uso de um recurso trazido de fora da experiência científica; uma forma não muito convencional no meio acadêmico, por ser o gênero que melhor me permitiu dizer a realidade experienciada pelos professores, pelos alunos e por mim mesma. Este outro gênero traz os detalhes e minhas reflexões acerca da materialidade e da concretude da experiência vivida. É nele que o leitor terá a composição do objeto e da pesquisa e viverá junto comigo minha aventura acadêmica e educacional. Foi a leitura em Garcia, S.S. (1999) que me inspirou para dar vida às palavras de meus participantes o mais próximo possível de sua originalidade e, com isso, aproximá-los do leitor, respeitando-se outro pilar da LAC: a ética. Assim, o leitor irá encontrar outra maneira de fazer ciência.

Por fim e a cabo, espero que este trabalho permita surgir elaborações de conhecimento científico permeado de proximidade do Eu-e-do-outro, e o repensar para uma educação melhor para o Brasil.

Convido o leitor a iniciar um mergulho nas profundezas da escola brasileira.